

“O ato de governar é sempre mais desafiador”, diz Genoino

“VAMOS TER UMA SURPREENDENTE VITÓRIA”, AFIRMA O PRESIDENTE NACIONAL DO PT

O presidente nacional do PT, José Genoino, afirma que, passados dez meses do governo Lula, as expectativas são cada vez mais positivas para o partido e para o projeto de um novo país. Em entrevista ao *Le Monde*, um dos principais diários da França, ele destacou que o fortalecimento recente do PT, com aumento do número de filiados — de 350 mil, já são 560 mil em todo o país — e com a organização das estruturas partidárias, aconteceu ao mesmo tempo que o partido consolidou a sustentação ao governo Lula.

“O ato de governar é sempre mais desafiador. A responsabilidade pela governabilidade, num país como o Brasil, em que a esquerda chega ao poder pela primeira vez, é sempre mais complexa. Nós fomos eleitos, e sempre dissemos isso, para fazer mudanças processuais e graduais. Não fomos eleitos para manter o que está aí, nem para fazer choques e rupturas”, disse o presidente do PT.

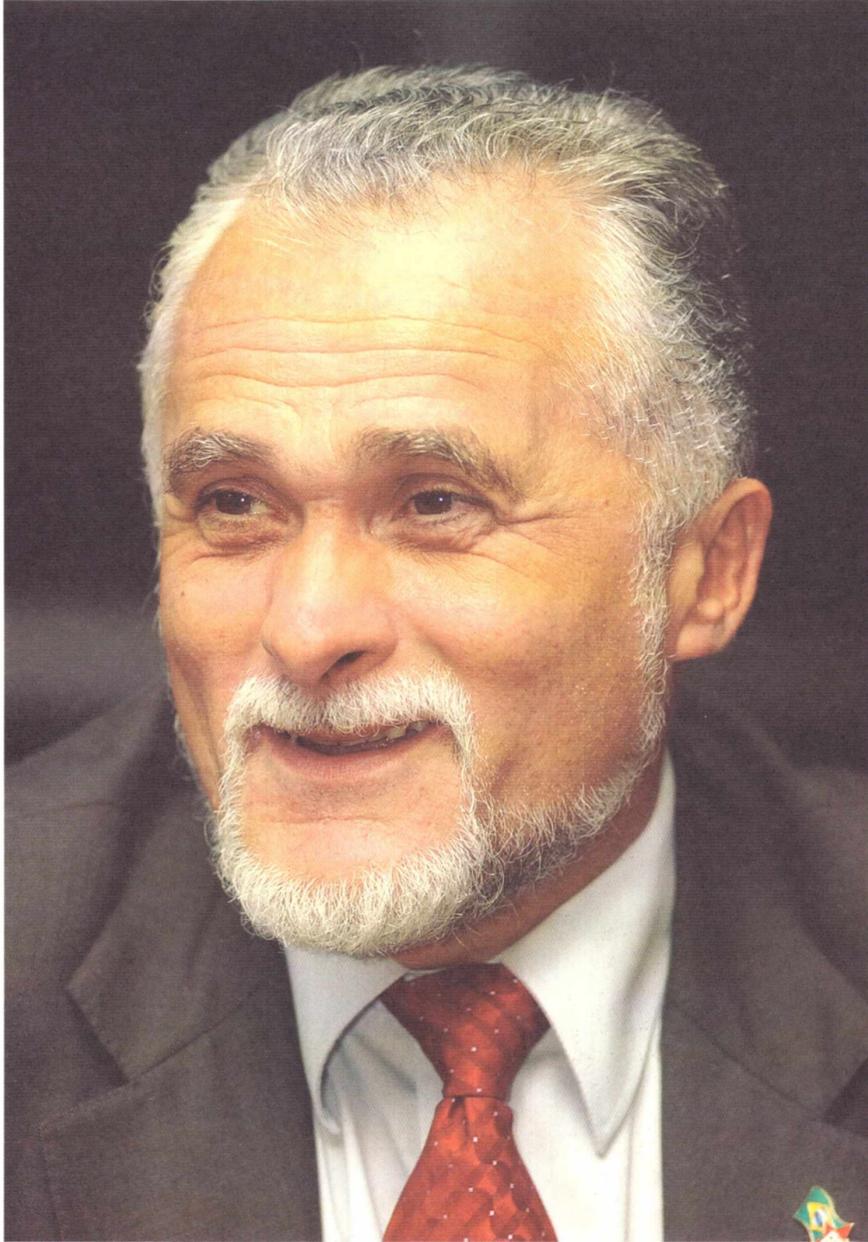
Na entrevista, Genoino fez uma avaliação das ações recentes do PT, do governo federal e aborda temas que geraram polêmicas recentes, além de revelar as expectativas para 2004. Leia, a seguir, os principais trechos:

O PT e o governo

O PT tem autonomia em relação ao governo. Negociou mudanças nas reformas da Previdência e tributária, está negociando mudanças na lei de biossegurança e no Orçamento federal, na área de saúde, está realizando seminários para discutir as mudanças na CLT. Portanto, o PT é governo, mas atua de forma autônoma, apóia, sugere e negocia — e, no limite, tensiona, mas sem jamais ir para a oposição. O que alguns companheiros não entendem é que o PT não é oposição ao governo do PT.

A vitória em 2002

O PT se preparou durante cinco anos para a vitória de 2002, mas as pessoas não acompanharam esse debate. Quando o PT realizou o 2º Congresso, em Belo Horizonte, adotou um programa de alianças, derrotou a política do “Fora FHC” e aprovou as bases de um programa mais amplo do que um programa de esquerda, o PT estava se preparando para ganhar as eleições. Até agora nada está em contradição com o nosso programa. A política de alianças foi defendida na campanha eleitoral. Toda a proposta da reforma da Previdência está lá no programa, excetuando a questão da contribuição dos inativos, que o Diretório Na-



O presidente nacional do PT, José Genoino, durante evento em Brasília

cional deliberou a favor.

Início do governo

O país corria o risco de uma inflação descontrolada, de uma vulnerabilidade externa muito grande. Tivemos que segurar o boi pelo chifre e agora estamos com indicadores econômicos positivos para crescer e gerar empregos. Nós executamos uma política externa progressista e democrática que surpreendeu muita gente. O ato de governar é sempre mais desafiador. A responsabilidade pela governabilidade, num país como o Brasil, em que a esquerda chega ao poder pela primeira vez, é sempre mais complexa. Nós fomos eleitos, e sempre dissemos isso, para fazer mudanças processuais e graduais. Não fomos eleitos para manter o que está aí, nem para fazer choques e rupturas. Algumas críticas da academia são pessimistas demais, porque, se tivéssemos feito uma ruptura, as dificuldades seriam muito maiores.

Os intelectuais

O PT sempre teve boa relação com uma parte da intelectualidade. Hoje essa relação tem, com alguns intelectuais, algum tensionamento. Vamos dialogar com eles, discutir e respeitar, porque a intelectualidade é crítica, independente, não é para ser go-

vernista. Uma parte dessas temos que entendê-las como natural, um descontentamento legítimo; outra parte é exagero.

Centro político

Acho que essa história de “núcleo duro” é bobagem. É claro que, no presidencialismo, o presidente tem um assessoramento. Não existe governo sem centro. É interessante: quando o PT começou a governar, diziam que o PT não governava porque era assembleísta. Nosso governo tem centro, direção — Lula não delega isso para ninguém, governa. José Dirceu [*ministro-chefe da Casa Civil*] está exercendo uma articulação política muito competente com o Congresso, os partidos e os setores organizados. Não vejo no estilo dele qualquer autoritarismo — essa acusação não procede, é feita por adversários. Acho que as pessoas fazem crítica pelo seu estilo de uma dedicação militante, um estilo de muita vontade de que dê certo.

A oposição

O PSDB não definiu o seu papel na oposição, está escolhendo um caminho de sectarismo, de metralhadora giratória. Isso não funciona. O PT respeita a oposição. O nosso governo dialoga com os governadores, com os parlamen-

tares do PSDB. Estamos tendo o apoio dos partidos de centro sem fazer fisiologismo. Nós estamos no governo, queremos agregar. Aliás, nosso governo deu exemplo ao mundo de fazer uma transição negociada com FHC — acho que ele está sendo até mal-agrado, ingrato. Não estamos governando o Brasil olhando para trás, pelo retrovisor, estamos olhando pelo pára-brisa. O máximo que a gente diz é que temos uma herança, e essa herança é pública: a dívida que encontramos, a inflação, a taxa de desemprego, a desorganização do setor elétrico, uma privatização malfeita... Mas não estamos acusando o governo FHC, estamos constatando a realidade.

Desaparecidos

O nosso governo está levando a questão adiante. O PT teve um papel fundamental na negociação do projeto de lei do governo FHC que prevê indenização às famílias. Trabalhou intensamente na Comissão de Mortos e Desaparecidos, com o deputado Nilmário Miranda [*MG, hoje secretário nacional de Direitos Humanos*]. O governo do PT criou uma comissão de alto nível para fazer o levantamento das mortes no Araguaia. Esta comissão já está instalada por decreto presiden-

Aprovação de Lula atinge 42%

Pesquisa Datafolha publicada no dia 2 mostra que a avaliação positiva (ótimo e bom) do presidente Luiz Inácio Lula da Silva atingiu 42% em outubro, demonstrando estabilidade nos dez primeiros meses do governo. As taxas oscilaram entre 43% (março), 42% (junho) e 45% (agosto).

Segundo o instituto, a variação registrada em outubro ficou dentro da margem de erro da pesquisa, de dois pontos percentuais para mais ou para menos. Em outubro, a avaliação regular foi de 44%. A avaliação negativa (ruim e péssimo) oscilou de 10% para 11%.

A maioria dos eleitores (51%) que declaram ter votado em Lula no segundo turno está satisfeita com o desempenho do presidente. Os indicadores de imagem pessoal de Lula também se mantêm em níveis altos.

A avaliação dos ministros se aproxima da do governo. Do total dos entrevistados, 38% consideram o desempenho do primeiro escalão como ótimo e bom, 48% como regular e 10% como ruim ou péssimo.

A pesquisa ouviu 3.627 eleitores de 130 municípios nos dias 28 e 29 de outubro.

cadastro unificado, mas sim superposição de cadastro, de cartão. Tínhamos uma rede sem controle, uma relação entre Estados e municípios totalmente anárquica. Acho que a unificação se deu no momento certo. As pessoas esquecem que, dos 27 governadores, o PT só tem 4; dos 5.600 prefeitos, só 194. O nosso governo tem rumo, tem lado, mas tem que negociar com governadores, com empresários, com o Congresso, com prefeituras.

Reforma agrária

Se há uma questão que preocupa o presidente é a reforma agrária. Para nós há quatro prioridades: primeiro, melhorar os assentamentos existentes; segundo, fortalecer a economia familiar, a pequena e média propriedade; terceiro, viabilizar assentamentos em áreas adequadas; e quarto, recompor o Incra. O governo ainda tem negociação permanente e se recusa a criminalizar o movimento social. Qual foi a crítica que a direita tentou fazer ao Lula? Foi a maneira civilizada com que ele recebeu o MST. O movimento social tem que ser autônomo, podemos ter tensionamentos e diferenças, mas, do ponto de vista geral, estamos no mesmo barco, que é realizar a reforma agrária. O Brasil tem espaço para vários modelos agrícolas, um não exclui o outro, mas é uma construção que não vai ser feita da noite para o dia.

Eleições-2004

Construímos uma unidade partidária para não precisar de disputas internas. Para nós é muito importante ganhar em todas as capitais, mas política é risco. Você ganha e perde, você sai e depois volta. A democracia só é encantadora porque trabalha com o imprevisível.

O futuro do país

Vamos ter uma grande e surpreendente vitória. Primeiro: a economia do país entrará em 2004 em um cenário bem mais favorável para o crescimento e geração de emprego. Segundo: estamos recuperando a capacidade de investimento do setor público e também das parcerias com o setor privado na área de infra-estrutura, que vai gerar empregos. Nós vamos ter uma capacidade de investimento, via bancos públicos, em projetos de geração de energia e de estradas. Com a unificação dos programas sociais no Bolsa Família, vamos ter uma capacidade de resposta muito grande. Eu sempre digo que o nosso modelo de transformação é processual, não é de uma canetada. Acho que estamos implantando as bases de um modelo de país que se integra ao mundo e não se desintegra internamente. Não é um ato de vontade, um ato de arroubo ou um decreto que vai resolver o problema.

cial e vai responder aquilo que é o desejo das famílias, a localização ou não dos corpos e as circunstâncias do desaparecimento, em combate ou não.

MP dos transgênicos

Há momentos em que o governo tem razões que são diferentes das do partido. O governo foi obrigado a baixar uma medida provisória para liberar a venda da soja transgênica da safra 2002 e adotou o caminho de permitir o plantio da safra 2003 ao mesmo tempo em que discute uma lei de biossegurança, preservando os princípios da precaução. O governo está agindo com realismo. É uma questão polêmica no PT, na sociedade e para a humanidade. Vamos discutir isso agora nessa lei que vai para o Congresso. Vamos fazer um seminário com especialistas do PT e com a banca, com o governo, para discutir as questões novas. Existem muitas.

Políticas sociais

O Fome Zero já está dando resultados, está implantado em mais de mil municípios e chega agora nas grandes cidades. Tivemos outra medida importante, a unificação dos programas sociais em torno do Bolsa Família. Foi preciso esse tempo para produzir a unificação. Não tínhamos

PARTIDO

Livro analisa governos e políticas do PT nos Estados

A Editora Fundação Perseu Abramo lançou "Governos Estaduais: Desafios e Avanços", uma análise sobre o chamado "modo petista de governar". São 17 textos sobre os Estados do Acre, de Mato Grosso do Sul, do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e do Amapá, assinados por especialistas em políticas públicas e análise política que apontam os avanços, os desafios e as dificuldades em democratizar o Estado e trazer transformações na administração pública.

A organização é do secretário-geral do PT, deputado federal Jorge Bittar (RJ). O livro faz parte da coleção "Pensamento Petista", da Editora Fundação Perseu Abramo. Além das livrarias, o título pode ser comprado por telefone (11-5571-4299) ou pela loja virtual no site da fundação (www.fpa.org.br).

O livro, de acordo com o presidente nacional do PT,

LANÇAMENTO DA EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO FAZ UMA ANÁLISE DO "MODO PETISTA DE GOVERNAR"

José Genoio, é uma iniciativa inédita de sistematizar as experiências petistas. Por meio desses documentos de análise, lembra Genoio, constata-se "uma certa limitação das competências e da capacidade de financiamento de políticas públicas destes entes federados". Para ele, "o livro aponta a necessidade de se buscar um equilíbrio entre a política nacional e as políticas regionais e estaduais".

Experiências

Ao analisar o "modo petista de governar", Bittar e Antonio Lassance — chefe de gabinete da Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica da Presidência e especialista em políticas públicas da UnB (Uni-

versidade de Brasília) — apontam, em artigo, que "a maioria dos fatores responsáveis pelas vitórias eleitorais do PT se transforma, em seguida à vitória, em problemas que passam a ser de sua responsabilidade: o desemprego, os baixos salários, a dívida pública, a incapacidade de investimento, as obras inacabadas".

"Porém, a resolução desses problemas passa pela discussão de grandes temas nacionais, pelo fortalecimento e qualificação do federalismo brasileiro, com a definição de uma agenda política transformadora", afirmam. Os autores concluem, no entanto, que é preciso consolidar no PT a concepção democrática que descentralize as ações e decisões estatais e a consciên-

cia de que o processo de organização social não é regular em todo o país, obrigando a construção de uma agenda diferenciada dos governos. Para compreender o alcance e o limite comparativo da avaliação dos governos é necessário ter clareza dessas diferenças regionais.

Governos Estaduais: Desafios e Avanços

De Jorge Bittar (organizador), Antônio Lassance, Luiz Eduardo Soares, Nelson Machado, Miriam Belchior, José Carlos Vaz, Sebastião Soares, Agostinho Guerreiro, Marcel Bursztyl, Marcos Helano Fernandes Montenegro, Aldaiza Sposati, Isaura Belloni, Alcindo Antônio Ferla, Maria Luíza Jaeger, Gilberto Barichello, Helena Wendel Abramo, Vera Soares, Neusa de Azevedo, Tarcísio Zimmermann, Keiji Kanashiro e Pedro Tierra (368 págs., R\$ 35).

OPINIÃO

O Congresso da Internacional Socialista

José Genoio

A Internacional Socialista, organização fundada no final do século 19, que reúne partidos social-democratas, trabalhistas e de esquerda moderada de todos os continentes, realizou seu 22º Congresso em São Paulo, numa deferência especial ao povo brasileiro, ao governo Lula e ao PT. Estavam presentes no Congresso cerca de 140 partidos, representando 130 países. Alguns chefes de Estados também participaram do Congresso que contou, também, com a presença do presidente Lula e de uma significativa representação do PT.

Embora o PT não seja filiado à Internacional Socialista, participou ativamente do Congresso na condição de observador e contribuiu na definição dos termos dos documentos aprovados pelos congressistas — a Carta de São Paulo e o Projeto de Resolução. Além da participação dos debates e reuniões formais do Congresso, a representação do PT manteve reuniões bilaterais com dezenas de partidos da Europa, América Latina, África e Ásia. As representações partidárias dos outros países demonstraram um grande interesse em conhecer a história do PT, sua estrutura de funcionamento e seu ideário político. A mesma curiosidade foi demonstrada em relação ao governo Lula. Partidos e movimentos progressistas de todo o mundo depositam grandes esperanças na experiência de governo de Lula e do PT como um momento especial de revigoração da esquerda.

A participação do PT no Congresso e nas reuniões bilaterais teve como foco a discussão em torno da ideia da construção de uma nova ordem internacional. As nossas posições foram balizadas pela defesa de uma ordem internacional multilateral, pela democratização das instituições supranacionais como a ONU e a OMC, pela defesa de condições comerciais entre países ricos e pobres mais simétricas e menos prejudiciais aos países pobres, pela abertura comercial e pelo fim do protecionismo dos países ricos, principalmente na agricultura. As resoluções aprovadas no Congresso contemplaram essas preocupações que são, também, reivindicações da política externa brasileira. Ou seja, ficou evidente que há uma grande concordância entre a visão de política externa da Internacional Socialista com as visões postuladas pelo PT. Além de uma nova ordem internacional fundada no multilateralismo, na justiça, na segurança e num maior equilíbrio de forças, o Congresso reafirmou os valores da paz, da democracia, dos direitos

humanos e da defesa de um meio ambiente adequado para a vida.

Com os partidos latino-americanos tivemos a oportunidade de discutir o tema da Alca. O PT e o governo Lula, junto com outros partidos e governos, a exemplo do governo da Argentina, visam consolidar um bloco de forças que seja capaz de negociar com os Estados Unidos condições que não se revelem prejudiciais às economias dos países em desenvolvimento no nosso Continente. Foi com esse objetivo que mantivemos intensas negociações com representantes desses partidos.

No Congresso, as posições mais progressistas foram defendidas por partidos latino-americanos e africanos e por delegações europeias como as da Alemanha, Itália e França. Um dos resultados do Congresso consistiu em que a Internacional Socialista deixou de ser essencialmente europeia abrindo mais suas estruturas para partidos africanos e latino-americanos. Se a Internacional já era uma organização com inclinações pluralistas, esta abertura reforça esse conteúdo e permite que se projetem no seu interior e nos seus fóruns, visões que contemplem os dilemas sociais, econômicos e políticos do hemisfério sul e dos países em desenvolvimento.

O caráter plural da Internacional é um dos seus grandes méritos. Com isso ela não padroniza seus partidos-membros num esquema único de pensamento, de ideologia e de ação. Os partidos podem participar da Internacional, na condição de membros plenos ou convidados, sem perder sua autonomia e independência de formulação de projetos, programas e ideologias.

O PT assumiu o compromisso com a Internacional Socialista de manter vários níveis de colaboração nos seus fóruns, congressos e seminários. A manutenção dessa colaboração vai depender das atitudes práticas da Internacional com os compromissos firmados e assumidos no Congresso realizado em São Paulo. É preciso observar que se o pluralismo é um mérito da Internacional, ela abriga também algumas agremiações partidárias que não fazem parte do campo progressista e de esquerda. O próprio Partido Trabalhista inglês, que detém grande poder dentro da Internacional, defendeu uma postura belicista e contrária à mediação pacífica na busca de soluções para a crise do Iraque. A partir de 2005, o PT abrirá um processo formal de discussão em suas bases partidárias visando definir a conveniência ou não do Partido se filiar à Internacional Socialista.

* Presidente nacional do PT



Paulo Paim (RS), primeiro vice-presidente do Senado, participa do encontro sobre políticas de igualdade racial

Encontro debate igualdade racial

Um dos consensos resultantes do 1º Encontro Nacional de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial é o fato de que o governo Lula inaugurou uma nova fase na luta pela igualdade racial, transformando-a em política de Estado. O encontro, realizado em Brasília, foi promovido pelas secretarias nacionais de Combate ao Racismo e Assuntos Institucionais do PT, e pelas fundações Perseu Abramo e Friedrich Ebert.

Segundo Martvs das Chagas, secretário nacional de Combate ao Racismo, com o reconhecimento por parte do Estado, torna-se parte da agenda de governo a implementação de políticas concretas. De acordo com ele, os painelistas do encontro destacaram passos importantes do governo Lula neste sentido.

O primeiro deles é a presença de cinco ministros negros no governo — recorde histórico —, além do primeiro

ministro negro a integrar o Supremo Tribunal Federal, Joaquim Benedito Barbosa Gomes. Além disso, foi saudada também a iniciativa do governo em criar, no ministério, a Secretaria Especial de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial.

Martvs já aponta um reflexo importante desse esforço: a incorporação no PPA (Plano Plurianual) do item "redução da desigualdade racial". Segundo ele, "agora esta ne-

cessidade passa a ser uma meta concreta".

Os participantes do encontro também identificaram desafios que o PT e o governo ainda têm pela frente, como melhorar o reduzido orçamento que municípios e Estados destinam às políticas de igualdade racial. "Uma pesquisa identificou que apenas 12% de nossas prefeituras têm algum órgão voltado à causa. Temos que começar a lição em casa", advertiu Martvs.

CUPOM DE

assinatura

Assine o PT Notícias e fique sabendo tudo o que acontece com o nosso partido e com o governo Lula. Quinzenalmente, o PT Notícias chega à sua casa, para deixar você por dentro do que é importante. Basta preencher este cupom, escolhendo a melhor forma de pagar.

PARA FAZER A SUA ASSINATURA:

1) Cheque nominal à Editora Fundação Perseu Abramo.

2) Depósito bancário nominal à Editora Fundação Perseu Abramo: Banco do Brasil C/C 2241-1 Agência 3323-5 (Enviar junto com o cupom preenchido cópia do comprovante de depósito)

3) Cobrança bancária.

4) Cartão de crédito:

Visa Mastercard Diners

Número do cartão: _____

Data de validade: ____/____/____

Assinatura anual: R\$ 50,00

Sim, eu quero assinar o PTnotícias

Nome _____

Endereço _____

Profissão _____ Tel _____

CEP _____ Cidade _____

Estado _____ CPF _____

E-mail _____

Sexo: Masculino Feminino

Filiado(a) ao PT: Sim Não

Departamento de Assinaturas da Fundação Perseu Abramo

Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana

CEP 04117-091 - São Paulo – SP

Tel.: (11)5571-4299 Ramal 44 - Fax: (11)5571-0910

EXPEDIENTE

PTnotícias

ÓRGÃO DO DIRETÓRIO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

<p>PRESIDENTE NACIONAL DO PT José Genoio</p> <p>SECRETÁRIO NACIONAL DE COMUNICAÇÃO Ozeas Duarte Ana Ribeiro (assessora)</p> <p>EDIÇÃO Ralph Machado - MTb 21.131</p> <p>REDAÇÃO Claudio Cezar Xavier, Priscila Lambert e Walter Venturini</p> <p>DIAGRAMAÇÃO Sandra Luiz Alves</p> <p>APOIO ADMINISTRATIVO Rodrigo Zampogna</p>	<p>FOTOS Agência Brasil e Agência Senado</p> <p style="text-align: center; font-weight: bold; border: 1px solid black; display: inline-block; padding: 2px;">SEDE</p>
<p>Rua Silveira Martins, 132 São Paulo, SP CEP 01019-000 Tel.: (11) 3243-1313 Fax: (11) 3243-1349 E-mail: ptnot@pt.org.br Página na internet: www.pt.org.br</p> <p style="font-size: x-small;">Tiragem: 10.000 exemplares Fotolitos e impressão: Neo Graf</p>	

INTERNACIONAL

PT amplia contatos com partidos

Durante o 22º Congresso da Internacional Socialista, realizado em São Paulo no final de outubro, o PT realizou encontros bilaterais com lideranças partidárias de mais de 20 países e definiu ações conjuntas com todos. Também foi anunciada a assinatura de um protocolo entre o PT e a IS, com objetivo de unir esforços para a construção de um sistema multilateral em nome da justiça, da paz, da democracia e dos direitos humanos.

O PT foi anfitrião e convidado do evento, que reuniu delegações de cerca de 150 países (chefes de Estado e de governo e lideranças políticas) na primeira vez em que o congresso ocorreu no Brasil — a escolha do país se deu, segundo o secretário-geral da IS, Luis Ayala, em razão do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “O PT, as ações do governo e a liderança de Lula são uma grande esperança para o mundo e têm um profundo compromisso com a justiça e com a democracia”, afirmou.

Segundo o presidente nacional do PT, José Genoíno, o protocolo com a IS organiza uma coordenação política dos partidos progressistas e socialistas do Mercosul e da América Latina. Em reuniões prévias entre líderes petistas e de outros partidos latino-americanos, formou-se um consenso de que a IS deve deixar de ser “eurocentrista”.

Entre os partidos que participarão da coordenação estão o Partido Justicialista argentino, do presidente Néstor Kirchner; o Partido Socialista Chileno; o Partido Socialista do Uruguai; o PRD (Partido da Revolução Democrática), do México; a FMLN (Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional), de El Salvador; e a FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional), da Nicarágua.

Genoíno afirmou que o PT só discutirá uma eventual filiação à IS após as eleições de 2004. Segundo ele, o partido está observando o movimento da IS, que deverá se reformular a partir deste 22º Congresso. “A IS tem que responder algumas questões, como por exemplo sobre a Terceira Via, que fracassou”, afirmou.

Reuniões

A cooperação com partidos do exterior inclui, em sua maioria, a manutenção de reuniões bilaterais periódicas, a realização de seminários conjuntos (com temas que vão da questão de gênero e de juventude a sistemas de seguridade social e de saúde universal), o intercâmbio de informações e experiências administrativas e políticas e a busca de acordos entre cidades governadas pelos partidos.

Estes são os casos dos encontros que o PT manteve com o Partido Socialista francês, o Partido Social Democrata (SPD) da Alemanha, o Partido a Frente Popular Marfinense, a FMLN, a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), o Partido Socialista Argentino, o Partido Socialista do Uruguai, o Partido Socialista do Chile, o Agrupamento Constitucional Democrático da Tunísia e o PRD do México, entre outros.

Participaram das reuniões, além de Genoíno, o secretário de Relações Internacionais,

NO CONGRESSO DA INTERNACIONAL SOCIALISTA, EM S. PAULO, NO QUAL PARTICIPOU COMO CONVIDADO, O PARTIDO REALIZOU REUNIÕES BILATERAIS COM 20 PAÍSES

senador Aloizio Mercadante (SP), o secretário-adjunto de Relações Internacionais, deputado federal Paulo Delgado (MG); os secretários nacionais de Finanças, Delúbio Soares, e de Organização, Silvío Pereira, de Mobilização, Francisco Campos, e de Assuntos Institucionais, Paulo Ferreira; os deputados federais Arlindo Chinaglia

(SP) e Iara Bernardi (SP) e assessores da SRI.

“Os encontros tiveram grande importância porque foram os primeiros a serem realizados sob o governo Lula. A experiência nos mostrou a importância que o Brasil tem no continente sul-americano e o papel-chave que tem o governo de centro-esquerda que elegemos no país”, afirmou

Campos. “É fato que há uma demanda imensa de partidos interessados em uma cooperação com o PT”, disse.

Interesses comuns

Com alguns países já foram inclusive definidos os próximos passos. O PT e a Frente Popular Marfinense, por exemplo, decidiram realizar um seminário em 2004 para

estabelecer os interesses comuns. “Eles estão no governo e têm um interesse muito grande nas reformas que o governo Lula está desenvolvendo. E, de nossa parte, temos muito a aprender com o continente africano, que é berço de nossas raízes”, disse Campos.

Já está definido também que, entre as próximas ações com o SPD da Alemanha, o

Confira a íntegra do documento com a IS

Protocolo de cooperação

Congregando esforços para uma Nova Ordem Mundial, a Internacional Socialista (IS) e o Partido dos Trabalhadores (PT) declaram o seu empenho comum na construção de um sistema multilateral que regule a globalização no sentido da

Justiça e reforme o sistema mundial de governança, em nome da Paz, da Democracia e dos Direitos Humanos.

O PT e a IS trabalharão juntos pela construção da alternativa à ideologia neoliberal do pensamento único, à agenda política neoconservadora e à lógica do unilateralismo.

Para concretizar estes objetivos comuns o PT considera a sua interlocução com a IS como fazendo parte da sua agenda atual e a IS exprime o interesse na participação do PT em todas as atividades por si promovidas.

Em particular, com base na experiência do Observa-

tório dos partidos políticos já existente na região, a IS e o PT concordam na constituição de uma coordenadora dos partidos políticos socialistas do Mercosul.

São Paulo, 28/10/2003

José Genoíno
Presidente do PT
Antônio Guterres
Presidente da IS



Ao lado de Marta, Ayala e Genoíno, o presidente da IS, Antônio Guterres, entrega bolo a Lula, que fazia 58 anos

Lula ressalta união da esquerda

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, durante abertura do 22º Congresso da Internacional Socialista, em São Paulo, que o passado do socialismo trouxe algumas lições importantes. Uma delas, segundo ele, é que as suas derrotas foram permeadas por desunião, enquanto suas vitórias tinham como importante fator a união das esquerdas.

Ele citou a criação do Foro de São Paulo como uma iniciativa fundamental que permitiu, pela primeira vez na história, que as esquerdas da América Latina conversassem entre si para aprender o que chamou de “básico da democracia”: a convivência na diversidade.

“Ninguém precisa ter a mesma religião para conversar e tirar proveito de relações que possam acrescentar a todos os lados”, disse. “A democracia é a essência de tudo o que fazemos depois de conquistá-la.”

Lula afirmou que, embora o PT não seja filiado à IS, talvez a relação do partido seja mais próxima do que

alguns filiados. “E faremos de tudo para continuarmos a ter representantes nossos em todos os fóruns e congressos da IS”, anunciou.

Ele saudou a trajetória da IS e disse estar diante de um movimento com acertos, erros, vitórias e derrotas. “Não desconhecemos as heranças do socialismo do século 20, mas pertencemos, junto com outras forças da América Latina, a uma outra geração. Procuramos criar um movimento para enfrentar, de forma não-dogmática, os grandes desafios econômicos e sociais”, afirmou

Combate à exclusão

Durante seu discurso, Lula lembrou que sua vitória em 2002 não foi a vitória de um homem, mas a culminação de um movimento de massa que, durante mais de 30 anos, reuniu o que existia de mais organizado na sociedade brasileira, como os sindicatos de classes.

Ele criticou a política-econômica que dominou o mundo nas últimas décadas e que levou a uma democra-

cia excludente, deixou países vulneráveis ao capital especulativo e não deu a atenção aos direitos humanos.

Lula disse que seu governo luta pelo aperfeiçoamento do multilateralismo para enfrentar as desigualdades e apontou o programa Fome Zero como uma política brasileira que envolve grandes transformações estruturais, com a criação de empregos e melhoria das condições de saúde, habitação e transporte. “O programa significa uma abertura para um novo e vigoroso ciclo de desenvolvimento.”

Ele defendeu novamente a reformulação da ONU e uma integração política, econômica, social e cultural com os mais diversos países. “Para atingir as metas do milênio, são necessárias novas relações internacionais, econômicas e sociais.” Sobre a Alca, criticou os termos atuais, que priorizam o livre comércio sem uma contrapartida para fortalecer os países em desenvolvimento.

Segundo Lula, sua vitória despertou paixões. “Não

podemos errar, o que causaria muita frustração interna e externa. Por isso, resolvemos dar os passos que precisam ser dados.” Tais passos, disse, não são de uma corrida de 100 metros, “quando se resolve tudo em 10 segundos”, mas de uma maratona, com estratégias bem fundamentadas. “Nós não iremos decepcioná-los”, afirmou, aplaudido de pé.

Participações

Nos painéis, o ministro Luiz Dulci (Secretaria Geral) falou sobre acelerar a integração latino-americana; o senador Aloizio Mercadante (SP) comentou o sistema financeiro internacional e criticou a atuação do FMI, o senador Eduardo Suplicy (SP) discorreu sobre a adoção da renda mínima e o deputado Paulo Delgado (MG) analisou as ações da ONU nos diferentes países. Também estiveram no congresso o ministro José Dirceu [leia na pág. 4], o presidente da Câmara, João Paulo Cunha (SP), e a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy.

PT irá enviar uma delegação de jovens para conhecer o país e o partido. Ambos trabalharão em conjunto para assegurar que prevaleça o multilateralismo em torno de uma reforma mais ampla da ONU (Organização das Nações Unidas). Foi marcado para dezembro uma nova reunião, quando será definido o programa de atividades conjuntas.

Segundo Delúbio Soares, as conversas do PT com o SPD também enfocaram a ampliação dos investimentos de empresas alemãs no Brasil. “Ambos os partidos estão no governo e devem fazer um pacto de investimento. Disse-mos a eles que não queremos mais visitar a Alemanha somente para administrar demissões [em empresas alemãs no Brasil]”, contou.

Líderes petistas também fizeram uma reunião considerada muito proveitosa com o Partido Comunista chinês, que, como o Brasil, não integra a IS. O encontro enfocou, de acordo com Delúbio, a necessidade de um incremento do comércio e das experiências científicas e tecnológicas entre Brasil e China.

Os partidos definiram a vinda ao Brasil de uma delegação que incluirá empresários (para tratar de negócios) e jovens do PC chinês (para intercâmbio de experiências, como parte de um programa de formação política) entre os dias 15 e 25 de novembro. A delegação visitará o Rio de Janeiro, Manaus, São Paulo e terá encontros, em Brasília, com o presidente Lula, com o presidente da Câmara, João Paulo Cunha (PT-SP) e com o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP).

Com os Democráticos de Esquerda da Itália, deverá ser feito um trabalho de solidariedade ativa, com o auxílio financeiro às crianças de rua e à educação infantil do Brasil. O PT, por sua vez, se comprometeu a colaborar na campanha eleitoral junto aos residentes italianos que vivem no Brasil e que poderão votar na próxima eleição. Os dois partidos se comprometeram também a incentivar as cidades governadas por eles a estabelecer planos de colaboração.

Esquerda na AL

Boa parte dos encontros teve como tônica, também, a necessidade de unir esforços para ampliar a força dos países latino-americanos no continente e na Europa. Em reunião com o Partido Socialista uruguaio, o PT se comprometeu a acompanhar e cooperar com o partido nas próximas eleições presidenciais, já que a Frente Ampla, da qual faz parte o PS, tem chances de vencer. Em situação semelhante, a FMLN, que poderá eleger o presidente de El Salvador, tem grande interesse na experiência do PT em campanhas e nos governos.

Ao se reunir com o Partido Socialista Argentino, o PT reiterou que torce para o sucesso do governo Kirchner, que tem apoio do partido, e que considera a Argentina um importante parceiro econômico, cultural e social na América do Sul. Os líderes petistas ressaltaram a importância de a Argentina apoiar o Brasil na luta por uma Alca (Área de Livre Comércio das Américas) mais justa.

GOVERNO

Dirceu: Lula está no rumo certo

CHEFE DA CASA CIVIL REAFIRMA CONVICÇÃO APÓS OS DEZ MESES DE GOVERNO

A herança de endividamento e restrições de investimento internacional ao crescimento sustentável dos países em desenvolvimento foi a tônica da exposição do ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, durante o 22º Congresso da Internacional Socialista, em São Paulo. O ministro fez um apelo aos partidos e representantes de governos de todo o mundo para que, juntos, possam impulsionar uma nova fase para superar os desafios internacionais.

Para Dirceu, a principal agenda e pauta da IS, como a do governo Lula, é como compatibilizar a situação interna de países endividados, sem mudanças na situação internacional, que dificulta as políticas de saneamento das economias dos países em desenvolvimento. “É improvável que consigamos mudar as condições internas sem uma mudança radical na situação internacional”, declarou.

O ministro citou o protecionismo, a liberalização do capital financeiro e as crescentes restrições de financiamento a países emergentes como alguns dos principais fatores desta conjuntura internacional que precisam mudar. “Não é possível que países pobres aceitem as atuais regras do comércio internacional”, enfatizou.

Rumo certo

Dirceu fez ainda uma avaliação deste primeiro ano desde que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito ao afirmar que o governo está enfrentando o “desafio da retomada de um projeto de desenvolvimento nacional”. Ele considera que Lula assumiu sob circunstâncias de uma “herança maldita”. Segundo o ministro, “assumimos não só diante de uma grave crise social de desemprego, mas tão grave quanto isso foi o desmantelamento do Estado brasileiro, mas estamos superando a herança dos anos 90”.

Dirceu se considera convencido de que o governo brasileiro está no rumo certo. “Fizemos mais do que era possível ao reorganizar a economia e mobilizar a sociedade brasileira”. Embora tenha crescido e se industrializado após a 2ª Guerra, o Brasil entrou num lento processo de abertura econômica que não levou ao crescimento, mas ao endividamento, disse. Ele ressaltou que o custo do serviço da dívida brasileira, hoje, é de 10% do PIB (Produto Interno Bruto, soma dos bens e serviços produzidos pelo país).

“Foi esta situação que determinou a vitória de Lula e as alianças com partidos de centro-esquerda e importantes setores do empresariado”, disse. Agora, o governo caminha no sentido de recompor o papel do Estado e do setor produtivo. Para o ministro, poucos países conseguiram resolver o problema do crescimento sustentável. “Não se trata de ter bolhas de crescimento, capazes apenas de pagar os compromissos com a dívida”, alertou.



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversa com o ministro José Dirceu (Casa Civil) em solenidade no Planalto

Dulci: PT fica ao lado dos pobres

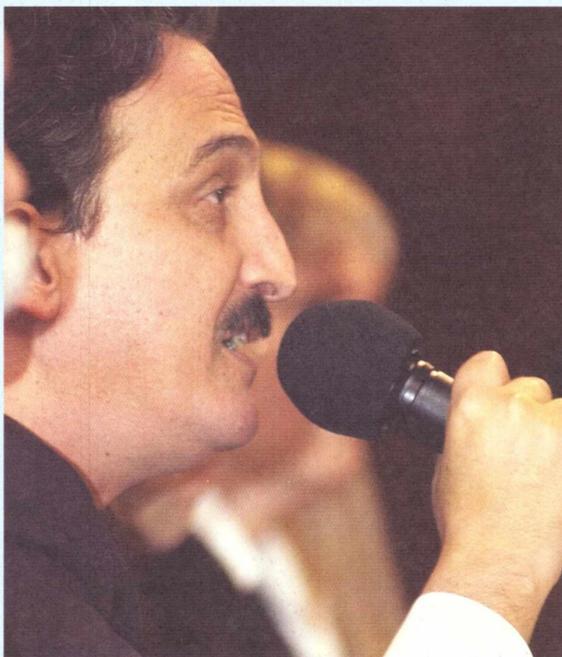
No aniversário de um ano da eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 27 de outubro, o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência, Luiz Dulci, reafirmou os compromissos do governo com o país. Em entrevista ao telejornal “Bom Dia Brasil”, ele falou sobre política econômica, a unificação dos programas sociais e a geração de emprego. Leia trechos da entrevista, compilada pelo boletim *Em questão* (www.brasil.gov.br/emquestao), do governo:

Recuperação

O grande sucesso do governo nesse período foi a recuperação da estabilidade econômica. No ano passado, o Brasil perdeu a estabilidade e a economia ficou muito desorganizada. A inflação estava voltando perigosamente, as linhas de crédito para as nossas exportações foram cortadas, reduzidas a zero, e a prioridade do governo nesses primeiros dez meses foi recuperar a estabilidade econômica para depois crescermos de um modo sustentado. Tivemos que fazer um contingenciamento de R\$ 18 bilhões e isso limitou bastante o nosso trabalho social. Mas, a partir do segundo semestre, a área social está deslançando.

Política econômica

Nós não queremos trocar a política, adotar um plano B, jogar fora todo o esforço que se fez. Recuperada a estabilidade, e no essencial ela está recuperada, agora nós queremos crescer com estabilidade. A economia já está voltando a crescer, pela ponta do consumo, e o necessário são investimentos para sustentar um novo ciclo de crescimento econômico. É disso que o país precisa: crescer ao longo de quatro ou cinco anos, a taxas de 4% ou 5% ao ano, como aconteceu em alguns momentos do século 20. Aí, sim, nós vamos conseguir gerar os empregos necessários em escala de massa, distribuir renda e fazer a inclusão social, que são os com-



O ministro Dulci, da Secretaria Geral da Presidência

promissos fundamentais do presidente Lula.

Fome Zero

O Programa Fome Zero, na verdade, teve alguns tropeços no início — e é importante reconhecer isso — sobretudo na forma de envolver a sociedade. Mas depois, nas 1.200 cidades do semi-árido nordestino onde ele já está, tem combinado bem medidas emergenciais e estruturais. Ele não apenas distribui alimentos, o que é muito importante para quem está passando fome. Ele faz cisternas domiciliares, alfabetização de adultos... Os resultados são bons neste momento. À medida que se expandir para o país, acho que o Fome Zero vai cumprir o seu objetivo, que é de erradicar a fome no Brasil ao longo de quatro anos.

Unificação

A questão da unificação dos programas de transferência de renda (Vale-Gás, Bolsa-Escola, Bolsa-Alimentação etc.) é que nós herdamos programas. Alguns eram bons, outros eram ruins e estavam desorganizados, e havia muito fisiologismo político e eleitoral no meio. Tivemos que fazer um trabalho ao longo desses me-

passo. Teremos que fazer um esforço muito grande nesse período para sustentar o crescimento econômico, mas também para adotar políticas ativas de geração de emprego. O Programa Primeiro Emprego — que começa a ser implementado agora — vai gerar uma parte desses empregos; programas de microcrédito e apoio à pequena empresa vão gerar uma outra parte.

Compromisso

O objetivo principal do governo Lula, que foi dito na “Carta ao Povo Brasileiro”, em junho do ano passado, é fazer com que o país se torne mais justo. Que aquelas pessoas que contribuem para o país, se sacrificam por ele, mas não têm tido ao longo da história o retorno devido, passem a tê-lo. Foi preciso primeiro criar as condições para fazer as reformas sociais que nós defendíamos e continuamos defendendo. Foi preciso criar as condições para que o Brasil tenha um ciclo de crescimento sustentado, e aí as reformas sociais não sejam apenas um bolha de mudança, mas uma mudança efetiva.

Evolução

O PT não mudou na véspera da eleição ou, muito menos, depois da eleição. Mudou à medida que teve experiências de governo nas prefeituras, nos Estados. Mantivemos posições importantes que nunca mudaram desde 1980. Agora, as soluções que nós propomos evoluíram com o tempo. Seria um erro se nós déssemos respostas antigas para problemas novos. O caso da inflação, por exemplo. Passamos a perceber que a inflação prejudica, antes de mais nada, os assalariados, e que os ricos têm condições de preservar seus ativos, seus capitais. Os pobres não têm. O PT não tem nenhum pudor de reconhecer que, em algumas questões, mudou, evoluiu e aprendeu com as experiências. Mas continua do mesmo lado. Do lado dos pobres e dos oprimidos.

Herança maldita

Dirceu lembrou que o país tem um baixo nível de investimento externo e interno, retira a poupança da população devido ao alto grau de endividamento e, “por incrível que pareça”, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) assumiu um caráter de banco privado ao financiar as privatizações. Citou ainda o superávit acertado com o FMI (Fundo Monetário Internacional).

“Mas conseguimos reduzir a expectativa de inflação de quase 40% para menos de 6%, temos o dólar estabilizado e uma taxa de risco-país baixa”, disse. Isso depois de o país ter quebrado três vezes no governo FHC e ter ido ao FMI porque estava impossibilitado de pagar a dívida. “Superamos uma crise de confiança e instabilidade, mas a estabilidade fiscal não é suficiente para alavancar um crescimento maior que 1% e resolver a situação de um país como o Brasil”, avaliou.

Marco regulatório

Dirceu lembrou que o Brasil tem centros de excelência em tecnologia, um parque industrial moderno, recursos energéticos e vias de transportes para dar conta de um crescimento econômico. Ele destacou ainda os programas de distribuição de renda do governo Lula e a unificação dos programas sociais, com exigência de contrapartidas dos beneficiados.

“Ainda assim, as demandas de investimentos são grandes e não são compatíveis com as restrições econômicas e o serviço da dívida”, disse. Ele explicou que os titulares da dívida não são apenas os bancos, mas, “como demonstrou a Argentina”, principalmente a população. O ministro considera uma situação absurda o país não ter um marco regulatório adequado para os investimentos necessários.

O ministro mencionou a necessidade de o governo Lula manter as alianças que conquistou nestes primeiros meses. “As alianças dão a unidade para enfrentar os desafios internos e externos”, disse. Ele citou também alianças com outros países da América Latina e do resto do mundo em desenvolvimento para enfrentar as regras do comércio internacional impostas pelos países ricos.

Agenda

“Poucas vezes o povo brasileiro teve uma oportunidade como esta”, disse ele, referindo-se à eleição de Lula e mencionando João Goulart como o último governo popular com condições de alavancar o projeto de governo que o Brasil precisa. “Estamos retomando a agenda política anterior a 64, pois problemas como a democratização cultural, a reforma agrária, a autonomia nacional e a cidadania continuam colocadas desde então”, disse.

A eleição de Lula, de acordo com o ministro, representou uma repactuação da população brasileira “que disse não ao neoliberalismo e sim para a retomada do desenvolvimento”. Dirceu admitiu que setores da sociedade brasileira são impacientes, “mas com razão”, porque têm direito de cobrar a dívida dos governos com seu país.